



Movimento

ISSN: 0104-754X

stigger@adufrgs.ufrgs.br

Escola de Educação Física

Brasil

Dalsin, Karine; Vilodre Goellner, Silvana

O Elegante Esporte da Rede: O Protagonismo Feminino no Voleibol Gaúcho dos Anos 50 e 60

Movimento, vol. 12, núm. 1, enero-abril, 2006, pp. 153-171

Escola de Educação Física

Rio Grande do Sul, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115315943008>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O Elegante Esporte da Rede: O Protagonismo Feminino no Voleibol Gaúcho dos Anos 50 e 60

Karine Dalsin
Silvana Vilodre Goellner

Resumo: Este texto aborda o voleibol feminino na cidade de Porto Alegre na década de 50 e 60 do século XX. Apresenta como aporte teórico-metodológico a História Oral, cujas fontes primárias foram entrevistas realizadas com mulheres praticantes desta modalidade no período em questão. A essas fontes somaram-se textos de jornais e periódicos, fotografias, diários, bem como publicações referentes ao contexto cultural e esportivo de Porto Alegre. Após a análise das fontes foi possível identificar que o voleibol feminino constitui-se como espaço de sociabilidade dessas mulheres ampliando, significativamente, sua participação num campo considerado de domínio masculino.

Palavras-chave: Voleibol. Memórias. Mulheres.

Na sociedade contemporânea os esportes têm se traduzido numa prática cultural de grande visibilidade: as competições esportivas arregimentam um número expressivo de espectadores, movimentam grandes cifras anuais, promovem serviços e produtos e fazem circular diferentes representações de saúde, beleza e jovialidade. Não é raro, por exemplo, os/as atletas aparecerem nas páginas de jornais e revistas proferindo conselhos, lições de perseverança, sucesso, disciplina e dedicação ao mundo esportivo bem como exibindo seus corpos, seus uniformes e as marcas que lhe garantem patrocínio e possibilidade de atuação.

Imagens como essas, registradas no contemporâneo, falam de um modelo de estruturação esportiva que surgiu e consolidou-se a partir de iniciativa de diferentes homens e mulheres cujas ações pioneiras possibilitaram, num passado recente, tais condições de existência. O esporte constitui-se, portanto, como um produto cultural e, por assim ser, é sempre plural porque traduz diferentes sentidos e significados atribuídos em espaços e

Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 153-171, janeiro/abril de 2006.

tempos diversos. É, também, histórico visto que resulta da ação de sujeitos que, ao seu tempo, construíram, estruturaram e, de certa forma, influenciaram na constituição do modo como hoje entendemos e vivenciamos esta prática corporal, seja ela como trabalho, lazer ou opção de divertimento.

Fundamentada na história cultural e nos estudos de gênero, essa pesquisa tematiza o voleibol feminino em Porto Alegre, mais especificamente entre as décadas de 1950 e 1960, período no qual esta modalidade atingiu grande visibilidade na sociedade gaúcha. Para analisar a inserção das mulheres no voleibol e que repercuções essa inserção teve na suas vidas foram utilizadas várias fontes de pesquisa, dentre elas, periódicos e jornais da época, livros e documentos que abordavam o voleibol em Porto Alegre, ata de fundação da Federação Gaúcha de Voleibol, entre outras. Constituíram-se, ainda como fontes primárias, fotografias e diversos registros iconográficos além dos depoimentos orais obtidos através da realização de entrevistas com dezessete atletas do período em questão, várias delas ainda praticantes da modalidade na categoria master.¹

A concepção historiográfica que fundamentou essa pesquisa revela ser a história um dos muitos discursos que existem acerca do mundo, do real e da humanidade tendo sua territorialidade atrelada ao que já aconteceu, ao passado. Essa afirmação pressupõe aceitar que a História está longe de revelar uma suposta verdade acontecida no passado ou se constituir como o próprio passado, como se pensava outrora. Significa perceber que o conhecimento histórico é uma construção que envolve inúmeras reflexões como, por exemplo, sobre as fontes a serem trabalhadas, as opções teórico-metodológicas, a trama, a tessitura do texto, as interpretações, a narrativa, a subjetividade de quem escreve e a mediação

¹ Todas as entrevistas foram transcritas e processadas segundo as normas do Centro de Memória do Esporte da ESEF-UFRGS. Estão disponíveis para consulta no acervo do CEME ou através da sua home-page <http://www6.ufrgs.br/esef/ceme/>

entre o passado (objeto de investigação) e o presente (tempo no qual escreve o/a historiador/a). “A História tem como meta atingir a verdade do acontecido, mas não como mímesis. Entre aquilo que teve lugar um dia, em um tempo físico já transcorrido e irreversível, e o texto que conta o que aconteceu, há uma mediação” (PESAVENTO, 2003, p. 50).

Nesse sentido é possível afirmar que o trabalho historiográfico busca se aproximar o máximo possível do que aconteceu e que o/a historiador/a pode relatar um tempo transcorrido mesmo que esse mesmo tempo ou fato relatado possa ser objeto de outras tantas versões. Trabalha, portanto, não com a verdade mas com a verossimilhança. Para tanto constrói “uma trama e uma narrativa do passado a partir das fontes existentes, dos recursos teórico-metodológicos escolhidos e de um olhar, dentre vários outros possíveis, marcado por nossa atualidade, vale dizer, por nossa inserção cultural e social, enfim, por nossa própria subjetividade” (RAGO, 2004, p. 10).

Essa concepção historiográfica adquire maior relevância quando se tem como uma importante fonte de pesquisa a memória de sujeitos ou de grupos, pois entre aquilo que o sujeito narra das suas lembranças e o que efetivamente aconteceu pode haver grandes disparidades. E aqui nos referimos, ainda à História Oral, compreendida nessa pesquisa como uma técnica de produção e tratamento de entrevistas; um método de investigação científica; uma fonte de pesquisa que, desde meados do século XX, tem sido empregada por pesquisadores/as e autores/as de diferentes formas e em diferentes campos disciplinares, e através dela têm produzido muitos textos acadêmicos, científicos e literários. Vale ressaltar que a História Oral não pertence a um domínio restrito do conhecimento, não encerra um estatuto independente sendo que uma das suas especificidades reside no fato de que pode ser utilizada em diferentes abordagens e assim transitar em um terreno pluridisciplinar (Thompson, 1992; Ferreira e Amado, 1996).

Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 153-171, janeiro/abril de 2006.

Sobre os estudos de gênero é pertinente explicitar que esse campo teórico surgiu na década de 1970, no contexto anglo-saxão, a partir de algumas vertentes da denominada segunda onda do feminismo, possibilitando, desde então, o alavancar uma produção acadêmica larga e importante, tanto no campo historiográfico quanto fora dele. Partindo da afirmação de que não é apenas o sexo anatômico que estabelece diferenças entre homens e mulheres mas, também, aspectos sociais, históricos e culturais esse conceito desestabilizou a noção da existência de um determinismo biológico cuja proposição primeira estava ancorada na afirmação de que homens e mulheres constroem-se masculinos e femininos pelas diferenças corporais e que essas diferenças justificam determinadas desigualdades, atribuem funções sociais, determinam papéis a serem desempenhados por um ou outro sexo (Goellner, 2001).

Quando associada aos estudos históricos, essa vertente teórica enfatizou que a História, mais do que revelar verdades, busca fissurar o passado, reivindicando

a poderosa força da imaginação para detectar o possível, o silenciado, os comportamentos e relações humanas que não obedecem aos estereótipos e padrões; aponta para um universo onde a fissura é a superfície, pois reconhece como construídos os paradigmas de “mentalidades hegemônicas” ou de “visões de mundo”, compartilhadas por uma maioria (Swain, 2004).

Escrever, portanto, sobre as mulheres e seu pioneirismo no campo esportivo torna-se relevante porque põe em evidência sujeitos protagonistas de um tempo que pouco conhecemos e que, talvez, as historiografia oficial não evidencie sua importância na estruturação e consolidação do esporte nacional.

O elegante esporte da rede:

Os anos 20 e 30 do século XX foram muito importantes para a estruturação do esporte gaúcho. Ainda que houvesse algumas

Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 153-171, janeiro/abril de 2006.

atividades em andamento na cidade, em especial nos clubes esportivos, a organização do esporte gaúcho era responsabilidade da Liga Atlética Porto-Alegrense (LAPA) que, em 1927, originou a Liga Atlética Rio-Grandense (LARG), cuja proposta era de incentivar modalidades ainda incipientes no estado tais como o atletismo, o basquetebol, o voleibol e a esgrima. Apesar do voleibol expandir-se rapidamente na cidade, ampliando o número de competições, há poucos registros sobre disputas entre equipes femininas, uma das primeiras parecer ter sido no ano de 1938 quando a Liga de Defesa Nacional passou a promover o “Torneio Feminino de Voleibol”, atividade integrante das comemorações da Semana da Pátria (HOFMEISTER, 1996 p.170). Essa competição e muitas outras foram importantes para a visibilidade do voleibol no Rio Grande do Sul, incentivando muitas garotas a aderirem a esta prática esportiva, no entanto, mais do que as eventuais competições, outras situações favoreceram a inserção das mulheres nos clubes esportivos, como por exemplo, a própria industrialização da cidade que se deu no início dos anos 50 e que trouxe consigo novas práticas sociais e culturais, identificadas como modernizadoras de uma sociedade com forte vínculo rural.

As práticas esportivas e corporais dialogavam com estas mudanças e o número de moças a exercitarem seus corpos tornava-se gradativamente mais visível nos espaços públicos da cidade, sendo que as modalidades mais praticadas em Porto Alegre, eram o atletismo, a esgrima, o tênis, a natação, a ginástica e, no âmbito dos esportes coletivos, o voleibol. Vale ressaltar que em torno do voleibol reuniram-se as moças praticantes destes esportes anteriormente citados, fato relacionado às características do esporte daquela época que, se pensado à luz do presente, poderia ser definido como amador pois muitas das atletas dedicavam-se a mais de uma modalidade esportiva ao mesmo tempo em que o seu processo de treinamento era extremamente “artesanal”. Essa característica amadora pode ser observada no depoimento de Diva Corrêa, ainda praticante na categoria master, ao comparar o voleibol que

Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 153-171, janeiro/abril de 2006.

praticava em 1950, ao de hoje. Para ela, o aprimoramento físico se destacava com um grande aspecto de diferenciação entre esses dois tempos: “O físico, porque elas são bem mais trabalhadas do que a gente era; então a mudança está aqui: elas são atletas” (2002, p. 1).

A prática do voleibol popularizava-se rapidamente na década de 1950 e começam a surgir entidades específicas na busca de organizar a modalidade, como a Confederação Brasileira de Voleibol, em 1957. Ainda que fosse importante a sua fundação, é necessário ter cautela nessa análise, pois mesmo antes de sua existência várias competições nacionais e internacionais eram realizadas no país. Em 1951, por exemplo, aconteceu no Rio de Janeiro, o 1º Campeonato Sul-Americano, cuja seleção campeã era integrada por uma jogadora gaúcha. Em Porto Alegre, no início da década de 1950, aconteceu, também, um evento importante para a divulgação desta modalidade: o Campeonato Brasileiro de Voleibol.

Essa década foi bastante fértil para o esporte no Rio Grande do Sul. Foram criados e realizados anualmente os Jogos Abertos Femininos, além de serem realizadas no Estado as seguintes competições: os Jogos Universitários Gaúchos, os Jogos Universitários Brasileiros (1956), o Campeonato Brasileiro de Voleibol (1952), o Campeonato Sul-Americano de Voleibol (1958), os Jogos Mundiais Universitários (1963), ocasião na qual a equipe brasileira de voleibol feminino contou com a presença de cinco gaúchas e conquistou a medalha de ouro.

Identificado como um esporte não tão violento para as mulheres porque não promovia o contato físico, a aceitação do voleibol começou a aumentar entre as jovens porto-alegrenses e, mais do que elas, entre suas famílias visto que o esporte era ainda considerado um território a ser conquistado pelas “moças de boa família”. Madga Rive, no seu depoimento, afirmou que sua mãe era contrária a prática de algumas modalidades esportivas: “Achava que o basquete era muito bruto. E que não era esporte para as mulheres. O vôlei ela achava bonito” (2004, p. 6).

A aceitação por parte da família foi um dos aspectos ressaltados pelas entrevistadas pois muitas delas iniciaram sua inserção no esporte por intermédio de seus familiares, a quem acompanhavam nos clubes da cidade. “Foi meu irmão que achou que a gente devia praticar algum esporte. Ele era um pouco mais velho que a gente e fez com que o pai entrasse como sócio no (clube) União, para que a gente tivesse uma sociedade esportiva, social para freqüentar” (Corrêa, 2002, p.9).

Considerados como ambientes familiares os clubes tinham larga importância na vida cultural da cidade e não eram ameaças às famílias, ao contrário, o clube era um local de sociabilidade, em especial, para as famílias germânicas, origem de muitas das entrevistadas. A assistência aos jogos consistia num apoio às garotas mas também uma forma de zelar por elas. Nas palavras de Diná Santiago: “A minha mãe, se ouvia falar de nós – ela ia para torcida – daqui a pouco um falava de nós, ela pegava um guarda chuva para dar na pessoa; levantava-se da arquibanda, “quem foi que falou da minha filha?” – isso ficou famoso” (2002, p. 6).

O voleibol pode ser visto nesse contexto como um marco no esporte feminino gaúcho tanto por atrair as moças que possuíam trajetórias no esporte em outras modalidades, como por proporcionar novas experiências como, por exemplo, a participação em campeonatos, as viagens, as exibições públicas. Este ambiente de entusiasmo pelo esporte era balizado pela insegurança da família quanto aos desdobramentos que poderia ocasionar visto que, de certa forma, ao adentrarem esse universo as moças afastavam-se um pouco do seu controle. Na sua entrevista Diva Corrêa narrou a reação familiar diante da possibilidade da atleta morar em São Paulo atendendo a uma convocação. “Em 1960, eu fui convocada para duas seleções de vôlei e para a seleção de basquete brasileira, mas eu não fui participar porque a minha mãe achava que não.... “Não dá...Isso não é possível... O ambiente: não sei...” (2002, p.8).

Esse depoimento foi revelador de duas questões fundamen-

tais: primeiro que o apoio da família não era incondicional mas vinculado à proximidade das moças para seu controle e segurança. Segundo, que não era qualquer modalidade esportiva aquela incentivada para a prática das moças. Esportes tais como basquetebol, futebol, lutas, entre outros, eram considerados como prejudiciais a sua compleição física e por essa razão eram desaconselhados. Lembremos que essa não era uma representação apenas das famílias gaúchas.

Território permeado por ambigüidades, o mundo esportivo, simultaneamente, fascinava e desassossegava homens e mulheres, tanto porque contestava os discursos legitimadores dos limites e condutas próprias de cada sexo, como porque, através de seus rituais, fazia vibrar a tensão entre a liberação e o controle de emoções e, também, de representações de masculinidade e feminilidade. A tensão presente entre diferentes concepções acerca relação entre mulheres e atividades físicas fez com que houvesse, por parte de alguns setores da sociedade brasileira, um movimento de cerceamento à participação das mulheres em determinadas modalidades esportivas. Em 1941, por exemplo, o General Newton Cavalcanti apresentou ao Conselho Nacional de Desportos, subsídios para a elaboração de um documento² que oficializou a interdição das mulheres a algumas modalidades, tais como as lutas, o boxe, o salto com vara, o salto triplo, o decatlo e o pentatlo; outras foram permitidas, desde que praticadas dentro de determinados limites. Em 1965, o Conselho Nacional de Desportos aprovou, a Deliberação n.º 7 que, em seu artigo 2 registrava: “não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, rugby, halterofilismo e baseball” (Goellner, 2004, p. 367-368).

Quanto ao desempenho das gaúchas nas quadras, as reportagens da época veiculavam imagens e textos que faziam refe-

² Decreto-Lei n.º 3199, do Conselho Nacional de Desportos, de 14 de abril de 1941.

Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 153-171, janeiro/abril de 2006.

rências à “brilhante” competência das moças, porém sempre atentos para não negar a feminilidade dessas atletas. As fotografias publicadas apontavam para o modo como comumente eram representadas as jogadoras, desde a elaboração do posicionamento frente à câmera em relação à montagem da imagem, até a apresentação das personagens no que diz respeito à roupa, ao cabelo e demais cuidados com o corpo.

A entrada das moças no esporte era festejada pela imprensa onde, ao mesmo tempo em que as incentivava para carreira esportiva, gerava desconforto pela excessiva exposição. Os treinamentos faziam com que elas saíssem de casa com maior freqüência, abandonando os afazeres do lar. Alguns depoimentos falavam sobre treinos à noite porque várias jogadoras trabalhavam ou estudavam durante o dia. Esses fatores tornavam a aceitação familiar um tanto conflituosa. Na fala de uma das entrevistadas:

É, assim como eu dei o exemplo da minha casa, naquele tempo a moça que fazia esporte, não é que fosse mal vista, assim no sentido da palavra, mas é naquele tempo era mais para a moça ser dona de casa, cuidar dos filhos e era uma coisa muito masculina praticar esporte, não é!
(Richter, 2003, p.3).

Dentre os elementos que contribuíram para a ampliação da participação feminina no voleibol foi o seu ensino nas aulas de educação física no espaço escolar. Segundo as entrevistadas, muitas moças, a partir do aprendizado na escola, destacaram-se e foram convidadas para jogarem nos clubes da cidade. Impulsionadas pelo caráter de integração que as competições proporcionavam entre os colégios, passavam a promover o próprio esporte que, nesse tempo, figurava na programação das festividades escolares. Na década de 1940 foi criada a Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que formou muitas professoras e estas, por terem afeição ao esporte, o difundiram ao lecionarem em escolas públicas e pri-

vadas. Vale ressaltar que várias das jogadoras de voleibol do período analisado cursaram Educação Física e identificavam nessa profissão uma forma de dar continuidade a sua dedicação ao esporte, mesmo depois de casadas.

Essa maior inserção no esporte não pode ser compreendida como sinônimo de plena aceitação, pois, nesse tempo, ainda eram recorrentes diversos questionamentos acerca da importância da participação feminina em diferentes instâncias sociais. Jogadora de voleibol na década de 1950, Valmy Volpi, expressou algumas representações existentes nesse momento com relação à inadequação do esporte como um espaço de vivência feminina. Quando questionada se sofreu alguma espécie de preconceito por ser atleta afirma: “Não, nunca, nunca tive. Havia de vez em quando alguns, que achavam que esporte não era coisa para mulher, por sinal até uma pessoa bem conhecida, uma vez chegou e disse, em plena na rádio, que o esporte não era para mulher” (2002, p.15).

A ameaça que o esporte representava à graciosidade feminina era, de certo modo, atenuada por concursos de beleza vinculados a algumas competições esportivas e a jogadoras de clubes. Ludmila Mourão, em seu estudo sobre os Jogos da Primavera no Rio de Janeiro, competição similar aos Jogos Abertos Femininos realizados em Porto Alegre, a partir de 1940, teceu as seguintes considerações: “Como, de acordo com o imaginário da época, qualquer tentativa da mulher de afirmar-se na esfera pública depunha sempre contra a sua feminilidade, acreditamos que a escolha da rainha dos jogos procurava de certa forma um contraponto” (1996, p.74). Um exemplo desta associação foi observado no Campeonato Sul-Americano de 1958, realizado em Porto Alegre, no qual uma jogadora da seleção brasileira foi eleita a rainha dos jogos. Os critérios para tal reconhecimento aparecem nas palavras publicadas pela Folha da Tarde: “Sua coroação foi o justo prêmio à graça, à elegância e ao encanto juvenil que, presentes nessa festa magnífica de pan-americanismo, o povo soube simbolizar em Cristiane Kuntzmann” (1958, p. 24).

Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 153-171, janeiro/abril de 2006.

Desde os anos 1940 até 1970, foi possível identificar que, proporcional ao maior interesse pelos esportes, a preocupação com a possível “masculinização” tornou-se mais evidente através das limitações sociais imposta a certas práticas, sob o argumento de manter a delicadeza nos gestos e a graciosidade das formas. As fotografias que ilustravam as reportagens raramente eram registradas durante os jogos, assim como eram raras as imagens publicadas nos periódicos em que as moças estivessem suadas, desajeitadas ou com aparência de estafa. Apareciam limpas, hígidas, sensuais e, sobretudo, soridentes. Essa forma de apresentar as imagens das mulheres esportistas nas revistas e jornais estava assentada em uma representação de feminilidade para a qual o voleibol não representava ameaça.

Em entrevista ao Jornal A Hora, no ano de 1958, Cristiane Kunzmann, convocada a integrar a seleção que disputou o Campeonato Sul-Americano, afirmou: “Acho que o vôlei e a natação são dos esportes mais indicados para a mulher, já que não são violentos” (1958, p. 34). Esta afirmação alinhava-se ao discurso médico vigente nesse período que, em nome da fragilidade do corpo feminino, cerceava a participação das mulheres em diversas práticas esportivas. Herdeiro dos ideais eugênicos e higiênicos esse discurso era proclamado por médicos mas também por militares, padres, escritores e profissionais ligados à Educação Física das primeiras décadas do século XX cujos vestígios ainda hoje podem ser identificados em nossa sociedade.

A reportagem publicada pela Revista dos Esportes em 1960, com a jogadora Karin Süffert de Cordal, tem a seguinte chamada: “Apesar de ser graciosa, Karin não dá importância à sua aparência. O esporte e a educação física são as suas duas paixões” (p. 12). No final dos anos 50 e início dos anos 60, citações como essas eram comuns nos periódicos que abordavam temas relativos ao esporte, pois, nesse tempo, já podiam ser identificadas várias associações entre atividade física, feminilidade e beleza. Diná Santiago, ao narrar suas experiências esportivas, comentou sobre

Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 153-171, janeiro/abril de 2006.

cuidados que ela e suas colegas de time tinham com relação à beleza. “Se aparecia enfeitada, pintada, cabelo como a gente achava melhor e o uniforme que a gente queria sempre ajeitar do jeito que a gente achava mais bonito” (2002, p. 3). As moças demonstravam uma certa preocupação com a aparência, talvez por vaidade ou mesmo para negar a associação facilmente presente entre a prática de atividade física e a masculinização das mulheres. Razão pela qual, rondava as quadras, a preocupação com o casamento e as suas consequências. Nas palavras de uma das entrevistadas:

Eu me afastei porque eu comecei a namorar meu atual esposo e já família dele não era assim de esporte e não aceitava assim uma mulher jogando esporte, fazendo esporte, né! Não aceitavam, achavam feio a mulher de calcão aparecer... Todos olharem. Naquela época, quando tinha um torneio, uma coisa o estádio assim estava cheio, não é como agora que tinha meia dúzia de gente olhando, era cheio, e eles aceitarem e eu... Foi indo e eu deixei (Fritsch, 2003, p.8).

O namorado ser ou não do esporte era um fator relevante para a continuidade das moças nessa atividade. “Ser do esporte” assumia o significado de praticar, assistir, ser associado a um clube ou associação esportiva, referia-se, enfim, a considerar o esporte como atividade integrante da rotina familiar, característica percebida principalmente nas famílias de origem alemã. Quando as moças casavam-se com rapazes que “eram do esporte”, as tensões eram atenuadas. Karin de Cordal lembrou de amigas que sofreram restrições por parte dos namorados e relata: “Mas eu nunca tive porque o outro namorado que eu tive também era do esporte. Quer dizer, sempre... Eu me conservei dentro do esporte e o esporte foi a minha vida. Verdadeiramente” (2003, p. 9).

A partir do casamento um novo olhar era lançado sobre a mulher atleta. Elena Livi relatou que abandonou as competições tão logo se casou, no entanto, continuou praticando o voleibol com

outras mulheres casadas e com filhos em um time de “veteranas”. Quando questionada sobre essa decisão e se ela era comum naquele tempo, responde: “Era, na minha época era, depois mais adiante não, mas quando eu jogava para disputar e coisa todo mundo era solteira” (2004, p.3). Este, entre outros depoimentos, permitiu estabelecer uma associação implícita entre as representações “casadas” e “veteranas”, na medida em que, para essas mulheres, ser veterana não significava, necessariamente, estar enquadrada em algum limite de idade mas ser casada - critério este vinculado ao comportamento socialmente esperado das mulheres gaúchas de então.

Entre 1965 a 1975 a equipe da Sociedade Ginástica Porto Alegre³ viveu o que se intitulou a “Década de Ouro” do esporte feminino visto que suas equipes conquistaram vários campeonatos e várias de suas atletas foram convocadas para o selecionado estadual e nacional. Para além da participação das mulheres como atletas é necessário enfatizar que foi neste clube que emergiu a primeira técnica do voleibol gaúcho: Madga Rive que, em 1963, solicitou à direção do clube o comando da equipe de voleibol feminino onde permaneceu até 1976. Magda fez história no voleibol gaúcho em especial por ter se destacado em um cargo de comando, até então ocupado unicamente por homens. Dentre as várias mudanças que ela promoveu destaca-se a polêmica gerada em torno da utilização ou não da joelheira no voleibol gaúcho, considerada por muitos como um acessório masculino.

Olha, a joelheira é um troço interessante. Ningém jogava de joelheira em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Imagina, isso aí, isso aí pega mal, joelheira. Ou vão dizer que a gente é mascarada ou vão dizer que a gente é muito masculina para estar jogando com joelheira.

³ Fundada em 1867 como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica). A partir de 1942 passa a chamar-se Sociedade Ginástica Porto Alegre.

Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 153-171, janeiro/abril de 2006.

E eu disse pois é: Então nós vamos fazer o seguinte, vocês todas vão usar joelheira, ninguém vai falar de uma só, vão falar de todo mundo. Vocês vão jogar de joelheira e eu quero ver todo mundo se atirando aqui. Nunca tinha jogado de joelheira. Mas lá fora, no mundo todo, todo mundo jogava de joelheira. E uma pessoa, ainda mais mulher, né? Vai se atirar e machucar o joelho, não. E aí começou, isso aí não era... No meu tempo de atleta, de jogadora eu usava uma joelheira, coisa horrrosa, caia na boca do povo. Era um terror (Rive, 2004, p.12).

Paralelo a estruturação do voleibol gaúcho, à maior visibilidade feminina no campo esportivo, ao aprimoramento das condições físico-estruturais, ao apoio dos clubes, dos meios de comunicação de massa e da sociedade em geral, começaram a ocorrer mudanças nesta modalidade esportiva que, de caráter lúdico-amador passou a ter maior competitividade, aproximando-se do que conhecemos hoje como esporte de alto rendimento. Os primeiros passos dessa mudança aconteceram já no final da década de 1940. Elena Livi testemunhou esse processo: “Depois que começaram a jogar os sul-americanos as gaúchas se sobressaíram, teve atletas até que foram para o Rio que jogavam na Sogipa conosco e foram para o Rio, convocadas para jogar pelo Flamengo, como a Marina Selistre” (2004, p.6).

A transferência de Marina para um dos grandes clubes da época marcou o início da profissionalização do voleibol feminino caracterizada, naquele tempo pelo auxílio financeiro recebido pelas atletas para hospedagem, alimentação e uma pequena ajuda de custo. Anos depois, outras moças seguiram este caminho, como por exemplo, Valmy Volpi que, na década de 1960, após jogar o campeonato Pan-Americano mudou-se para Belo Horizonte tendo, assim, mais condições de jogar e de manter-se integrante da seleção brasileira.

No final dos anos 1970 e início dos anos 1980 registrou-se

uma significativa alteração na história do voleibol feminino gaúcho. Os campeonatos brasileiros entre seleções estaduais foram extintos fazendo com que o Rio Grande do Sul se distanciasse das convocações de atletas para participações em campeonatos de âmbito nacional e internacional. Também houve mudanças na legislação esportiva brasileira, com a alteração da lei que impedia a entrada de empresas no esporte e a autorização para a criação de clubes-empresas. Esse novo cenário, associado à profissionalização dos setores técnicos e administrativos do esporte, trouxe consequências ao esporte gaúcho e, dentre elas, a menor visibilidade do voleibol feminino a nível nacional e por consequência estadual.

Considerações finais

As fontes analisadas para a construção dessa pesquisa apontam ser o Rio Grande do Sul, no período de 1950 a 1960, um Estado privilegiado no que diz respeito a oportunização da prática esportiva para as moças. Essa afirmação pode ser percebida pelo número de amistosos e de competições que aconteceram no Estado, e pela relevância destes eventos, pela presença da seleção gaúcha nos primeiros campeonatos nacionais e pelas constantes convocações de jogadoras para integrar o selecionado brasileiro. Um dos fatores a serem considerados nesta análise é a constituição étnica da população gaúcha pois não há dúvidas de que a imigração alemã foi um dos agentes que impulsionou a cultura esportiva no Estado. Não é sem motivos, por exemplo que grande parte das entrevistadas eram descendentes de alemães.

Outro ponto que merece destaque refere-se ao encerramento da carreira esportiva das jogadoras, na maioria das vezes, marcado pelo casamento e pela chegada dos filhos. Várias das entrevistadas iniciavam a praticar o voleibol na idade escolar e afastavam-se, em geral, quando assumiam o papel de mãe fazendo crer ser esse binômio (casamento/maternidade) algo incompatível com a prática esportiva daquele tempo.

Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 153-171, janeiro/abril de 2006.

As análises das fontes primárias de pesquisa, dentre elas, as entrevistas com as jogadoras do período analisado permitem identificar a estruturação do voleibol feminino gaúcho e seus desdobramentos em um tempo marcado pelo entusiasmo e pelos atritos no que se refere às práticas esportivas e às moças. Suas memórias nos propiciam, hoje, a aproximação e compreensão do universo que permeou e permeia a cultura corporal, em especial, a prática de esportes como um terreno fértil a produzir representações de masculinidade e feminilidade. E também de questioná-las.

O voleibol feminino traduziu-se, para as moças do período analisado, como um espaço de sociabilização e de visibilidade. Por ser o primeiro esporte feminino coletivo praticado no estado do Rio Grande do Sul, pela quantidade de moças que aderiram a ele e por gozar de boa aceitação perante a comunidade gaúcha, esta modalidade centraliza e aponta um debate necessário sobre a inserção da mulher no esporte e sua relação com a família e a sociedade. Aceito, mas não de todo, o voleibol se mal praticado poderia representar uma ameaça à feminilidade podendo acarretar a masculinização, isto é, a conquista de uma conformação anatômica próxima do corpo masculino ou ainda a apropriação de traços similares de caráter. Esses argumentos foram tomando outras formas ao longo do período analisado bem como foram remodelando as representações das mulheres voleibolistas. Afinal, o próprio esporte nacional fortaleceu-se nesse período e, dentro dele, as mulheres conquistaram notoriedade tornando-se protagonistas nesse campo. Protagonismo, diga-se de passagem, iniciado há algum tempo e que as memórias das praticantes de voleibol gaúchas e as histórias que a partir delas podemos narrar, permitem entender que algumas das representações do passado são, também, do presente pois circulam, ainda hoje, de forma remodelada, não mais no voleibol, mas em outras modalidades esportivas.

"Elegance at the net: Female expertise in volleyball in Rio Grande do Sul during the 50s and the 60s"

Abstract: This text discusses the womens volleyball in the city of Porto Alegre, more specifically in the 50s and 60s. It presents as theoretical-methodological support the oral history, of which primary sources were interviews performed with women that practiced the sport in such time. Among with those sources there are texts from newspapers, photographs, diaries, as well as publications regarding the sportive and cultural context of the city of Porto Alegre. After the analysis of the sources it was possible to recognize that the womens volleyball is constituted of a space of socialization to those women, increasing significantly their participation in a field considered as of male domain.

Key words: Volleyball. Memories. Women.

El elegante deporte de red: El protagonismo femenino en el voleibol gaucho de los años 50 y 60

Resumen: Este texto discute el voleibol femenino en la ciudad de Porto Alegre en la decada de 50 y 60 del siglo XX. Presenta su aporte teórico y metodológica en la Historia Oral, cuyas fuentes primarias fueran entrevistas con mujeres atletas de esta modalidad en el periodo. A esos fuente sumaram-se textos de periodicos y revistas fotografias, así como publicaciones a respecto del contexto cultural y deportivo de Porto Alegre. Después del análisis de las fuentes fue posible identificar que el voleibol femenino es un espacio de sociabilidad de las mujeres, ampliando, significativamente, su participación en un campo considerado de dominio masculino.

Palabras-clave: Voleibol. Memorias. Mujeres.

REFERÊNCIAS

- A HORA. Porto Alegre, julho de 1958.
- ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1989.
- CORDAL, Karin I. S. de. *Karin Ingrid Süffert de Cordal (depoimento, 2003)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – EDUCAÇÃO FÍSICA/UFRGS, 2004.
- CORRÊA, Diva S. *Diva Santiago Corrêa (depoimento, 2002)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – EDUCAÇÃO FÍSICA/UFRGS, 2003.
- FERREIRA, Marieta de M. e AMADO, Janaína. (orgs.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- FOLHA ESPORTIVA. Porto Alegre, 13 de novembro de 1958.
- FRICHT, Elly R. *Elly Rau Fricht (depoimento, 2004)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – EDUCAÇÃO FÍSICA/UFRGS, 2004.
- GOELLNER, Silvana V. Gênero, Educação Física e esportes. In: VOTRE, Sebastião (org). *Imaginário & representações sociais em educação física, esporte e lazer*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2001.
- _____. Mulher e esporte no Brasil: fragmentos de uma história generificada. In: SIMÕES, Antonio C. e KNIJNICK, Jorge D. *O mundo psicosocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho*. São Paulo:Editora Aleph, 2004.
- HOFMEISTER FILHO, Carlos. *90 anos do Grêmio Náutico União “O Clube das três Sedes” - 1906/1996-* . Porto Alegre, RS: 1996.
- KUNTZMANN, Cristiane. *Cristiane Kunstzmann (depoimento, 2004)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – EDUCAÇÃO FÍSICA/UFRGS, 2004.
- LIVI, Elena B. *Elena Bins Livi (depoimento, 2004)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – EDUCAÇÃO FÍSICA/UFRGS, 2004.
- MOURÃO, Ludmila. A imagem da mulher esportista nos Jogos da Primavera dos anos 50. In: VOTRE, Sebastião Josué (org.). *A representação social da mulher na educação física e no esporte*. Rio de Janeiro: Ed. Central da Universidade Gama Filho, 1996.
- PESAVENTO, Sandra J. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- RAGO, Margareth. A História repensada com ousadia. In: JENKINS, Keith. **A História repensada**. São Paulo: Contexto, 2004.

REVISTA DOS ESPORTES. maio de 1960.

RICHTER, Marlene C. *Marlene César Richter (depóimento, 2003)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – EDUCAÇÃO FÍSICA/UFRGS, 2004.

RIVE, Magda B. *Magda Burger Rive (depóimento, 2003)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – EDUCAÇÃO FÍSICA/UFRGS, 2004.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de M. e AMADO, Janaína. (orgs.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996.

SANTIAGO, Diná Petenuzzo. *Diná Santiago I (depóimento, 2002)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2003.

SWAIN, Tânia N. Intertextualidade: perspectivas feministas e foucaultianas. *Labrys: estudos feministas*, vol 4, jan/jul 2004. Disponível em <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys5/textos/eubr.htm>>. Acesso em 02 set. 2005.

VOLPI, Júlio César, VOLPI Marco Antônio, VOLPI, Valmy. *Júlio César Volpi, Marco Antônio Volpi e Valmy Volpi (depóimento, 2002)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – EDUCAÇÃO FÍSICA/UFRGS, 2003.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Recebido em: 30/11/2005

Aprovado em: 14/03/2006

Karine Dalsin
akaelegal@hotmail.com

Silvana Vilodre Goellner
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Escola de Educação Física
Rua Felizardo, 750 - Bairro Jardim Botânico
90690-200 - Porto Alegre - RS
goellner@terra.com.br
